



O TEMPO E O HOMEM – HISTÓRIA

Omar Emir Chaves

O autor é General-de-Exército da Reserva de 1ª Classe, autor de numerosos trabalhos de História, entre os quais se destaca o livro "Fronteiras do Brasil", publicado em 1943 pela Biblioteca do Exército. É sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

A palavra HISTÓRIA é muito antiga e por vezes extrapolada, o que enseja pretenderem-na trocar, no vocabulário científico, pela expressão MEMÓRIA, pela consideração de que o homem, no tempo, representa apenas um fator de convivência sociológica. Os afiliados da escola de Durkheim admitem-na como conseqüência do naturalismo sociológico, na forma da sociologia educacional. Pretendem ainda deslocar a História, de macrociência que é, para uma posição de retaguarda na coluna da cultura humanística, como um baú de velharias onde se lancem os efeitos humanos considerados superficiais e fortuitos, transferindo para o campo da sociologia toda a seqüência da vida da humanidade, tudo o que seja racionalmente suscetível de interpretação e análise.

A História, porém, na concepção científica dos tempos atuais, não perdeu a sua significação própria de investigação e pesquisa, já que, estudando e conferindo, pode estabelecer, em qualquer tempo, as correlações do homem com a natureza e com o próprio homem, nas suas formações divinas, comunitárias, nacionais e internacionais.

A análise, a pesquisa e a crítica são os instrumentos essenciais da História, para que possa, por aproximações sucessivas, estabelecer valores que permitam o equacionamento do presente, por parâmetros de qualquer natureza, com vistas aos resultados futuros.

A palavra *História*, pelo contrário, terá de ser conservada dentro de sua mais ampla significação. É a nossa opinião. No setor humanístico onde se inclui, não veda qualquer gênero de investigação, quer se projete sobre o indivíduo ou sobre a sociedade, para reconstituir as crises duradouras ou não, para tirar dos elementos

sócio-políticos ensinamentos duráveis; não encerra em si mesma nenhuma interpretação dogmática; não compromete qualquer outro setor do conhecimento humano: a sua etimologia é original e ancestral, vem do grego com muita propriedade. Sem dúvida, desde que apareceu na linguagem dos homens há bem mais de dois milênios, ela tem mudado o seu conteúdo, justamente porque deixou de ser *memória* para ser ciência.

Esse é o destino semântico de todos os termos verdadeiramente vivos. Tivessem as ciências de tomar um novo nome cada vez que fizessem uma conquista, então, quantos batizados e quanto tempo seriam roubados aos horários acadêmicos?

Alguns articulistas têm afirmado que "a História é a ciência do passado", o que nos parece uma maneira imprópria de falar porque o passado, considerado como tempo fruído, não pode ser realmente alterado mas interpretado pelo homem na sua dinâmica morta, pela avaliação dos parâmetros residuais, participantes de uma problemática futura. Não podemos considerá-la objeto do conhecimento racional atual, nem alterá-la por retroação a equações de equilíbrio anteriores, onde intervieram como fatores inalteráveis. Cabe-lhe analisar todos os fatos ocorridos como uma ciência global, para chegar por aproximações sucessivas aos determinantes atuais, deduzidos na seqüência do tempo vivido.

Nas origens da historiografia, quando os métodos e processos de abordagem do fato vivido não dispunham de instrumental eficaz, tais como a pesquisa e a busca de informações ainda não servidas por endoutrinamento científico, e se propunham a memorizar o evento, de forma a prevenir a incidência do "determinismo histórico", a História não tinha ainda a capacidade de interferir no equacionamento do futuro. Os historiadores contavam apenas com acontecimentos confusamente ligados entre si pela circunstância de se haverem produzido aproximadamente no mesmo espaço de tempo considerado. Esses eventos eram assinalados pela presença de fenômenos que influíam no comportamento da humanidade, como eclipses, avalanches, aparecimento surpreendente de meteoros ou crises políticas como guerras, revoluções e a morte de heróis e reis.

Nessas primeiras memórias da humanidade, descritivas apenas, confusas, conseqüência de percepção incompleta e superficial, limitadas na capacidade de análise, foi que a História começou a firmar-se como ciência global, estabelecendo princípios filosóficos e doutrinários, e criando técnicas apropriadas para a reconstituição do fato histórico. Deixando de ser *memória*, a História firmou-se apropriadamente nas suas apreciações semânticas, etimológicas e filosóficas. As suas finalidades e os seus objetivos clarificaram-se e se incorporaram, em termos pragmáticos, ao seu escopo.

Em qualquer situação de tempo e espaço, a presença do homem é que define o fenômeno histórico, pela evolução do processo. A partir do estágio em que a humanidade passou a ter a possibilidade de modificar a paisagem humana por suas atividades culturais, de acordo com as suas necessidades sociais, passou a História a participar do processo científico através dos instrumentos de análise e dimensionamento.

As vicissitudes de um rico intercâmbio de conhecimentos científicos entre a Sociologia e a Geografia, gerando as escolas do "determinismo" e do "possibilismo", permitiu à História aumentar o seu poder de participação no processo sócio-político, para estabelecer, pela crítica, o interrelacionamento dos fatores psicossociais, econômicos e políticos. Foi no sentido da reconstituição do fato vivido e na determinação dos valores residuais que possam interferir nas soluções atuais ou futuras que a História, através do determinante espaço, firmou-se no conjunto de conhecimento científico.

Michelet e Fustel de Coulanges, nos ensinamentos que professaram, definiam como principal objeto da História — o homem, no sentido plural e ambiental, para fugir ao absoluto e à abstração pelo campo semântico da relatividade.

Pela interpretação da paisagem cultural através de escritos e das instituições, distantes ou aproximadas, estabelecidas pelos homens na faina evolutiva do progresso, ter-se-á de compreender que a História não é um simples manual de erudição e sabença. Do caráter da História, quanto ao conhecimento dos homens, depende a posição particular de cada um no tempo e no espaço.

Por volta de 1800, tratava-se de discernir se a História era uma arte ou uma ciência. Ao redor de 1890, banhados em uma atmosfera de positivismo rudimentar, verificaram os especialistas do método científico, e com isso se indignavam, que os trabalhos históricos não recebiam aplausos do público, desde que este preferia a "forma". Era a arte contra a ciência, era a "forma" contra o "fundo".

Em termos de estética, julgamos que não há menos beleza numa precisa equação que num burilado escrito. Os feitos humanos numa página de história não podem ser medidos por valores matemáticos, senão por avaliações de comportamento e resultados de progresso nos seus aspectos de vivência universal. Para bem traduzi-los e para compreendê-los, faz-se mister dizer com finura e nitidez. Onde não for possível deduzir ou induzir com boas possibilidades de compreensão para afirmar, seria recomendável sugerir para interpolar nos espaços vazios que a pesquisa não pode preencher.

Entre expressão das realidades do mundo físico e a realidade histórica do espírito humano, o contraste é imenso. Se a História não é a ciência do passado, também não é a ciência do homem integral. Para nós, a História é a ciência dos homens no tempo geográfico.